

LISTA DE CONTEÚDOS

- 1** **Capa**
Leo Papel
- 3** **Cromossomo** [Série Dimensões]
OrganiciDADE
- 4** **Desurbanidade** [Série Dimensões]
OrganiciDADE
- 4** **Carta aberta a Scank U16**
Kaya Scrita
- 8** **Poster fe ao longo da revista toda}**
LAMA
Mina DB, estudo com fotografias de tatifreitas e vulgojr
- 10** **bell hooks, teoria e prática, pedagogia do entusiasmo e transgressão**
Marina Mayumi

- 14** **Nossa civilização: vale a pena salvá-la?**
Lucy Parsons
- 15** **Corpo e Revolução**
Maria Sanchez Souza
- 16** **Poema para gritar**
Lidia Leal
- 17** **Manhãs**
Vitória Roberta
- 18** **Cuñatai**
Monica Reinoso
- 19** **Antipoesia**
Leafer
- 20** **Quem é Leila**
Leila Borba

- 21** **Pega a visão** [Série Dimensões]
OrganiciDADE
- 22** **Afetabilidade e fabulação: eixos da nossa experiência como crias do curro velho em Belém do Pará**
Thalia Santos da Fonseca
- 27** **Registro Bloco Autonomo - Bloco Autônomo Salvador**
- 28** **Charge**
Lu Vieira
Editorial
- 29** **Mapeamento dos espaços libertários**



DESURBANIDADES [Série Dimensões] COLETIVA ORGANICIDADE



CROMOSSOMO [Série Dimensões] COLETIVA ORGANICIDADE





KAYA SCRITA • SALVADOR, BAHIA

Salve Scank, meu parceiro!

Tô te escrevendo por necessidade, irmão. De botar pra fora muita coisa. De deixar pra posteridade um pouco do que construímos. Mas também escrevo por justiça do seu assassinato. A Scrita foi a forma que encontrei de vingar sua morte.

Daqui a dois dias é seu aniversário. Só de pensar em sua mãe, Dona Nice, o coração aperta. Lembro do dia que me dei conta que você e Vírus nasceram no mesmo dia. Pensei: que mãe agraciada, aquela que pôde celebrar a vida de um filho dando a luz ao outro. A feliz coincidência, mesmo após sua partida, continua repleta de significado pra nós.

Hoje eu tenho certeza que todos os seus amigos desejam dar um abraço em sua mãe numa data como essa. Você não tem noção do quanto temos aprendido com dona Nice. A sua mãe é uma batalhadora incansável. Sei que você cresceu sabendo disso, mas acho que até você deve tá surpreso e felizão com o corre que sua mãe tem feito pra zelar pela sua memória.

É foda, meu parceiro. Sinto saudade da sua risada nas reuniões da LAMA ao dizer “lá vem Kaya de novo com esses papos sobre genocídio”. Juro que preferia conviver com tal ironia e vê-lo com vida, a ter que testemunhar sua mãe se tornar uma nova militante contra o genocídio devido ao seu assassinato. A vida às vezes nos prega peças extremamente desconcertantes.

Lembra daquela sexta-feira 13, em dezembro de 2019, dois meses antes do seu desenlace? Que desacerto naquele dia, mano. Seria a 11ª edição da LAMA. Digo que “seria” pelo motivo que geral tá ciente: a festa foi interrompida após um linchamento. O que muita gente não sabe é que da forma que tudo começou, não tinha como acabar de outro jeito.

Durante 10 edições da LAMA, 3 edições da LAMINHA, 5 edições do Cine LAMA, nunca havia acontecido nenhuma situação de violência. Somávamos alguns desentendimentos, inclusive entre nós organizadores, mas nunca uma situação de violência explícita.

Orgulhosamente, organizamos um evento que garantiu uma sobrevivência à essência do Hip Hop na Bahia: um evento de preço acessível e colaborativo, que possibilitou um espaço seguro e fértil. Um espaço que formou uma nova geração nas diversas artes que ali se encontravam.

Mas quem diria, mano, que logo nós dois nos agrediríamos naquela tarde, antes mesmo da festa acontecer? Lembro como se fosse hoje de como tudo aconteceu. Hoje, em retrospectiva, eu extraio aprendizados daquele dia. Mas penso na merda que aquela confusão poderia ter gerado e concluo que, deixando aqui meu testemunho, talvez aquela situação possa servir de lição para todo o Hip Hop a nível local e global.

Uma hora dessa você já deve tá pensando: “porra Kaya, você vai falar de novo sobre genocídio?”. Mas como não falar diante do que aconteceu, irmão? Logo nós dois, que tanto colaboramos para

fomentar a união no nosso movimento, partimos para agressão por conta das inúmeras cobranças que recaíam sobre nós: os únicos 5 organizadores de uma festa da dimensão que é a LAMA.

Brigamos devido às responsabilidades que nós tínhamos com a realização da festa. Só nós sabemos a seriedade com que tratamos sobre a LAMA. E infelizmente, sobre dois homens pretos como nós, há inúmeras outras pressões que nos empurram para o fratricídio, essa dimensão do genocídio que é auto-infligido: preto matando preto.

Só meses depois, no dia do seu funeral, entendi a pressão que recaía sobre você naquela sexta 13. Quando sua mãe falou, ao lado do caixão cheio de tag, sobre o quanto você tava sendo importante para segurar a onda do quadro de saúde dela. Talvez você também não soubesse da pressão que recaía sobre mim e por isso nos agredimos: por falta de escuta.

Nós homens negros fomos brutalizados de tal forma que desconfiamos uns dos outros, odiamos uns aos outros, por isso não percebemos que somos aliados nessa guerra racial maldita. Basta olhar o passado da própria Pixação, ou no presente das facções atualmente: os brancos já nem precisam mais sujar as mãos pois nós mesmos nos matamos.

Por isso peço desculpas, irmão. Desculpas sinceras. Por não ter hesitado um pouco mais em retribuir a agressão. Por não saber que sua mãe estava doente e que era por isso que você estava tão disperso da organização da LAMA. Não gosto de pensar no “se”, no “talvez”, mas fico extremamente sentido por você ter sido assassinado antes de termos conversado mais uma vez após aquela briga.

Durante nossa briga, Apoena torceu o pé e mal conseguia andar no dia seguinte. Às 11h00 da manhã nós ainda estávamos num posto de saúde, discutindo com um policial militar que tentou me intimidar após eu reclamar das horas de espera para que ela fosse atendida. Bass que já estava com mão e joelho contundidos, também teve o quadro piorado no meio de toda a confusão.

Confesso a você que pensei no pior quando vi Apoena machucada. Lembro de ter chegado a dizer “eu só não tiro sangue daquele desgraçado em consideração a mãe e aos irmãos dele”. Hoje estou aqui te escrevendo essa carta póstuma, grato a Oxalá por ter tocado nosso Orí e evitado o pior naquele dia. Grato por não ter sido eu a tirar seu sangue, nem você o meu.

Você tá ligado que desde o começo a LAMA é composta por apenas 5 pessoas (eu, você, Mina, Bongos e Bass) que fazem tudo acontecer sem lucrar com porra nenhuma. A grana gerada a partir das bilheterias e da venda de bebidas nunca passou de 2 mil reais, que só dava pra cobrir os custos da edição seguinte. Há de se enfatizar que com tão pouca grana, além de manter a LAMA, já oferecemos assessoria jurídica para Red e Lerk, ajudamos a custear o tratamento de Mito e o funeral de Obzo. Também ajudamos no seu funeral e desde então a LAMA tá zerada.

Talvez se a gente divulgasse mais as dificuldades que enfrentamos, se educássemos melhor as atrações e o público da festa, não teríamos que aturar MC folgado tentando alterar a ordem de apresentações no grito, ou talvez não acontecesse o linchamento de um pixador naquela mesma sexta 13 em que nos agredimos. Mas pensando bem, mano, também cabe às atrações e ao público que eles mesmos se eduquem a participar de um evento colaborativo sem deslocar-se da proposta do mesmo. Que minimamente cada um saiba reconhecer seu papel na organização horizontal e coletiva, como uma condição para a LAMA ocorrer bem. Que saibam pelo menos respeitar o trampo de quem se dedica pra fazer acontecer o evento que eles mesmos dizem ser “a melhor festa de Rap da cidade”.

Quanto às agressões que trocamos ou ao linchamento, são situações que não mancham o histórico da LAMA, pois devem ser tratados como reflexos sintomáticos da guerra racial. A lição que devemos tirar disso é sobre como o auto-ódio tem contribuído pra alargar o genocídio. Naquela mesma sexta 13, 4 motoristas de aplicativo foram torturados e executados por membros de uma facção no bairro da Mata Escura, em retaliação por outros motoristas terem cancelado a viagem repetidamente. Só esse fato já ilustra bem a realidade de Salvador: uma guerra interminável entre a polícia, as facções e agora as milícias, com requintes de violência e crueldade de ambas as partes.

Para compreendermos como tal violência não é obra do acaso, e sim resultado de um projeto elaborado pelo sistema de supremacia branca que ordena a sociedade local e globalmente, cabe refletirmos sobre o local onde realizamos a maior parte das nossas produções culturais enquanto LAMA. Naquele mesmo chão onde um pixador foi linchado, chutado e pisado, que outrora era cha-

mado Maciel, pessoas negras foram descarnadas no instrumento de tortura que passou a dar nome ao bairro após as reformas urbanísticas do governo local: o Pelourinho. Os primórdios do Olodum, a Rocinha, o Quilombo Cecília, a LAMA e uma série de outras construções, devem ser abordadas historicamente como exemplos de auto-organização de pessoas negras pela própria sobrevivência nesse chão onde torturaram e mataram nossos ancestrais.

E o projeto da supremacia branca continua avançando: o mundo tá ainda mais virado desde que você foi embora, mano. Dois meses depois da fatídica LAMA, na madrugada do dia 13 de fevereiro de 2020, te alvejaram e nos arrancaram sua presença. Exatamente um mês depois do seu assassinato, na noite do dia 12 de março de 2020, uma mulher matou DelaRua com uma facada no pescoço no meio da Batalha do Trem Bala. Mais uma das nossas morria, vítima do mesmo fratricídio/genocídio. O Hip Hop não teve a menor trégua.

A real é que todos nós estávamos destroçados por dentro naquela altura, com a perda de duas pessoas caríssimas ao nosso movimento no intervalo de um mês. Ao receber a notícia sobre o assassinato de DelaRua eu sequer consegui chorar, fiquei em estado de choque por alguns minutos,

sem querer acreditar. Lembro de ter caído no sono com o choro entalado e de ter acordado sobresaltado, ainda sem querer acreditar.

A primeira lágrima só caiu ao ver um post de Beatriz Almeida, amiga e assessora de DelaRua. E na sexta 13 de março de 2020, mais uma vez o Hip Hop se valeu do método de mobilização que instituímos após o falecimento de Obzo e tornamos a repetir após sua morte: foi marcada uma arrecadação de fundos para custear o funeral de DelaRua na mesma pista de skate dos Barris.

Ao tomar conhecimento daquela mobilização, no mesmo método que nós pixadores criamos, chorei de tristeza ao pensar em dona Lee (a mãe de DelaRua) que nos recebeu tão bem no mutirão de graffiti organizado pela filha na sua rua em Cosme de Farias, mas também me senti acolhido de alguma forma ao ver outras pessoas assumirem o fardo que tantas vezes assumi. Agradeço de coração a Beatriz Almeida, Chagas MC, DJ Gug, Amanda Rosa e todas as pessoas que formaram uma rede de apoio a dona Lee num momento tão delicado. Sei bem da dificuldade e dos traumas que ficam após uma experiência como essa, e como sei.

No dia 17 de março de 2020, o Brasil registrou o primeiro caso de morte por Covid 19. Eu queria

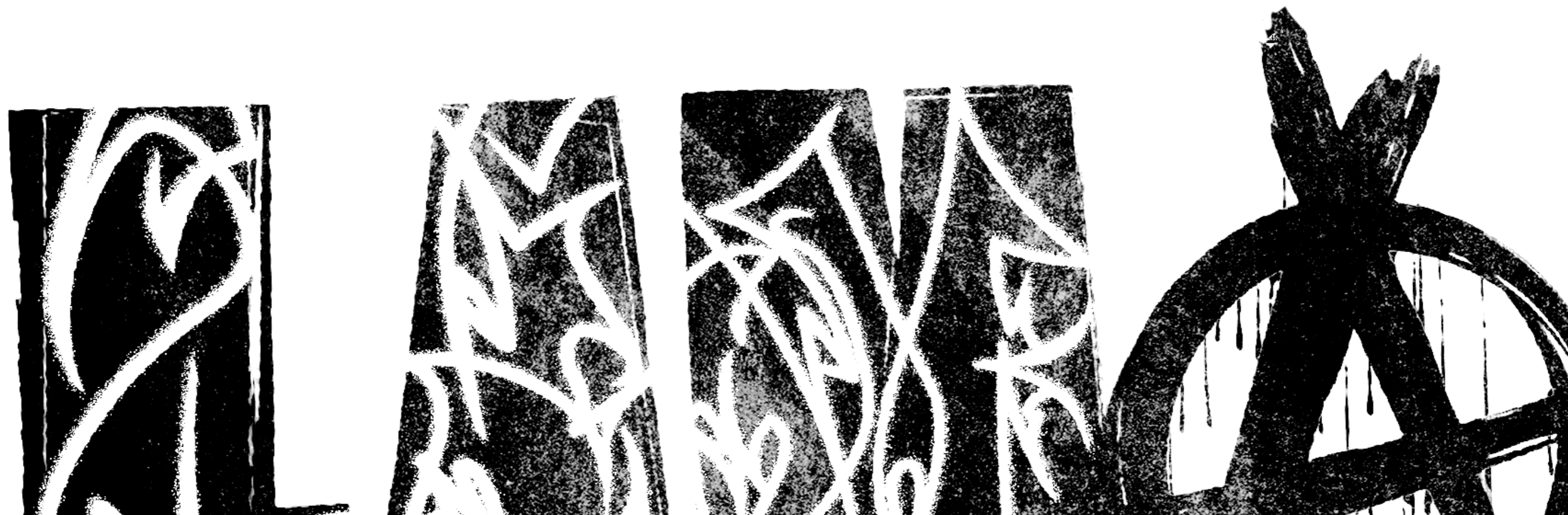
você aqui conosco, Scank, mas de certa forma acho que você teve livramento de atravessar tempos tão difíceis. Ou talvez eu queira acreditar nisso apenas para tentar me confortar pela sua perda. Sei que desde então, morreram Surto SB, Copa GAN, With SB, Seef VF, Feli IP. A maioria de “morte matada”, mesmo num contexto de crise econômica e sanitária, a razão da morte dos nossos segue sendo a guerra racial, que após a pandemia só foi ampliada com a gestão do bioterrorismo. A mais recente morte entre os pixadores se deu no dia 16 de julho de 2021, há menos de um mês atrás: a Polícia Militar da Bahia executou Sfit MI, mesmo depois de o mesmo ter se rendido. Diferente de quando você, Obzo e DelaRua faleceram, sequer pudemos mobilizar uma arrecadação na pista de skate dos Barris devido ao contexto da pandemia. Na real, pelo que soube apenas Soró PVL pôde estar no funeral de Sfit, dentre todos os pixadores. O maior temor entre nós era que houvesse algum tipo de retaliação no funeral, como outrora aconteceu quando King matou Fino no enterro de Sai por rivalidade entre pixadores, mas desta vez motivado pela guerra entre facções: diferentes motivos que seguem retroalimentando o fratricídio/genocídio.

Espero que você, Obzo, Mito, DelaRua, Avalanche, With, Surto, Copa, Seef, Feli e Sfit tenham feito boa passagem após as mobilizações feitas pela LAMA e por todo o Hip Hop, por todo o carinho e boa vibração que foi emanada para vocês daqui desse inferno em que seguimos sobrevivendo. Manda um salve pra Chorão, Sinal, Stalo, Crespo e todos os outros, que certamente têm feito muita lama, onde quer que vocês estejam.

Ah! Antes que eu me esqueça, tá sabendo que tem uma obra sua exposta no Museu da Língua Portuguesa? É parte da exposição temporária Língua Solta, que conta com outras obras de pixadores que são membros do coletivo nacional Círculo Forte Brasil. Lembro de quando você voltou da sua última viagem a São Paulo, com o sonho retroalimentado de um dia ser reconhecido nacional e internacionalmente pela sua arte. Por aqui seguimos preservando o seu legado. Então fica em paz, irmão. Jamais esqueceremos de você.

Com carinho e admiração,

Kaya Scrita, 06 de agosto de 2021.



BELL HOOKS, TEORIA E PRÁTICA, PEDAGOGIA DO ENTUSIASMO E TRANSGRESSÃO

MARINA MAYUMI

• SÃO PAULO, SÃO PAULO

Com estes ensaios, como minha voz ao apelo coletivo pela renovação e pelo rejuvenescimento de nossas práticas de ensino. Pedindo a todes que abram a cabeça e o coração para conhecer o que está além das fronteiras do aceitável, para pensar e repensar, para criar visões, celebro um ensino que permita as transgressões – um movimento contra as fronteiras e para além delas. É esse movimento que transforma a educação na prática da liberdade.

bell hooks

Pensar sobre nossas práticas pedagógicas, escrever sobre nossas vivências e trazer para nosso cotidiano teorias que possam conversar com as inquietações que nos habitam dentro e fora das escolas (sejam formais ou libertárias) é uma maneira de registrar nosso pensamento pela via da escrita como transmissora do que pensamos e vivemos nos espaços de educação dos quais somos parte.

O momento oportuno da pausa para assentar e sentir os processos é aqui provocado pela vontade de criar pontes entre teoria e prática para assim abrir diálogos com educas e estudantes engajados na construção de trajetórias pedagógicas autônomas como caminhos para a liberdade.

O ato da escrita pode ser uma maneira de refletir e registrar as experiências advindas do corpo presente no chão de escola, quando estamos inseridos numa grande rede composta de ações, manifestações de rua, leituras, debates, conversas que constituem nosso fazer nas salas de aula e para além delas. Toda a intensidade dessas vivências, sempre bem acompanhadas de boas leituras e discussões, pode tomar forma de escrita para nos ajudar a cruzar teoria e prática de forma acessível e para que possamos fomentar ideias que possam transformar-se em gestos, ações de luta e até mesmo contaminar outras práticas transgressoras. Cada movimento que fazemos no campo da educação, pela via da subjetividade, é ruído nas bases das estruturas opressoras.

O trabalho com educação é sempre um terreno fértil de debate e reflexão que pode contribuir com a organização dos estudantes e sua busca por uma formação para além daquelas ditadas pela educação bancária pautada na servidão de corpos dedicados à obediência dos patrões e adequação ao mercado. Reduzir a educação como mera preparação para o mercado de trabalho pela via da meritocracia e individualismo é uma ideologia que hoje se instala como forma de enfraquecimento da união entre pessoas que juntas são mais fortes para romper os sistemas de dominação que nos aprisionam. A busca pelo gosto, pelo saber por meio de processos contínuos de aprendizagem para a vida real aqui e agora, é o desafio que educas e estudantes têm para que possamos juntas criar sentido através do que aprendemos e assim criarmos as ferramentas necessárias para nossa sobrevivência dentro desse sistema que nos quer ver mortes.

As reflexões que surgem quando lemos algo que parece conversar com nossas impressões de mundo, inevitavelmente nos convidam a trazer para nosso cotidiano maneiras de potencializar nossas articulações nos espaços educativos dos quais somos parte. Ensinar com entusiasmo, quando todas as forças são contrárias e nos desanimam, é um ato de resistência e de entendimento do lugar privilegiado de escuta e atuação que ocupamos. Quando falamos para trinta ou quarenta pessoas, por mais que tenhamos a percepção de que ninguém nos esteja ouvindo, algo se movimenta, alguma microestrutura se

abala e talvez, alguma diferença se produza.

A construção de uma sociedade menos opressiva em que a produção de conhecimento se dê de forma coletiva e não pela via da transmissão de informação, conteúdo e formatação de comportamentos, é inerente ao campo da educação como maneira de liberação das amarras institucionais que determinam o que devemos saber, como devemos nos comportar por meio da obediência sem questionamento para depois melhor nos adaptarmos à uma sociedade estratificada e tolerante com aqueles que nos exploram cotidianamente.

Ademais, é preciso dar-se conta de que o papel de professor não é de transmitir conteúdo, mas sim, de fomentar uma comunidade de aprendizado da qual todes sintam-se parte e que mesmo dentro da estrutura da forma escolar vigente, seja possível criar movimentações que diluam as hierarquias, ou pelo menos contribua para que a horizontalidade das relações se torne parte de uma cultura escolar mais coletivizada e conectada com o bairro, a praça, a cidade e suas lutas cotidianas.

Nos espaços de educação libertária a não-hierarquia entre educas e estudantes é uma premissa inegociável e todes que ali convivem ou que já tenham passado pelo brilho dessas experiências, sabem que é possível gerar uma relação em que por meio de assembleias se dá a construção conjunta e a voz de todes tem o mesmo peso e valor para todas as decisões do grupo. Uma pessoa, seja educa ou estudante, que tenha feito parte da construção de uma escola de luta libertária, certamente busca por formas mais solidárias de relação e sabe a importância do apoio mútuo e da construção da autonomia como partes fundamentais dos processos pedagógicos.

As escolas libertárias nos ensinam a importância de manter a chama acesa da revolta para transmitá-la em ações cotidianas que contribuam para

o combate real ao racismo, ao machismo e qualquer forma de opressão. A educação libertária nos convida a vivenciar processos pedagógicos como maneira de produção de formas de vida mais coletivizadas, de plena consciência dos conflitos de classe e intolerância às corporações que detêm os meios de produção.

São essas experiências pedagógicas que nos dão esperanças e fôlego para buscar dentro mesmo da estrutura capturada da escola formal, a possibilidade de diluir as relações de poder em nossas aulas e assim buscar formas de ensino dissidentes. As práticas do campo da Educação Libertária são combustíveis que nos permite acreditar que mesmo nas escolas pautadas por currículos fechados determinados pelo estado, é possível promover pequenas fissuras que deem passagem para uma educação que gere relações de solidariedade, autonomia e de questionamento à autoridade.

A construção de uma pedagogia pautada na realidade local dos bairros, na criação de laços comunitários, é uma característica que rege as práticas libertárias que entendem que as diversas formas de opressão se dão em diversos níveis pautados por indicadores sociais que são determinantes na realidade tanto de

educas como estudantes. Raça, classe e gênero são marcadores sociais que se entrecruzam e requerem estratégias de luta específicas.

Ao partirmos do pressuposto de que a educação é sempre choque, mistura, atravessamento e encontro damos conta de que as relações nos espaços educativos e culturais, sejam eles libertários, formais, não-formais, são sempre de transformação de pequenos ou grandes abalos na grande estrutura que organiza e sistematiza a educação como modelação do comportamento e seleção do que é ou não um saber.



Entender a educação desde uma perspectiva que busque a costura entre teoria e prática, possibilita-nos aprender com outras experiências em contextos que mesmo diferentes dos quais atuamos, podem contribuir com nossas visões de mundo. Ao entrarmos em contato com a grande gama de experiências libertárias e autônomas, podemos aguçar nossa percepção para enxergar nossas práticas por diversos prismas que muitas vezes nos passam despercebidos quando estamos em sala de aula, atravessados por uma grande gama de trajetórias, cores, sons, emoções que são próprios do encontro com e outre.

Impossível sair ilese a qualquer movimento, qualquer fala, gesto, provocação ou discurso quando compreendemos que os processos educativos se dão por afetação, pelo estímulo corporal, pelo som da voz, cadência das palavras, combinação de frases e formação de discurso e gestos que interpelam nossa maneira de ser, conviver e estar no mundo.

Aqui, o livro *Ensinar a transgredir* da professora e pesquisadora bell hooks, move-nos a pensar uma educação que parta do entusiasmo, do tesão pelo saber, pelo ensinar e aprender pelo corpo indissociável da mente, pela via da relação coletiva e mais horizontalizada entre educas e estudantes. As pedagogias ancestrais também são evidenciadas como forma de saber que trazemos conosco na carne e na oralidade, como ponte entre passado, presente e futuro nos conectam pelo reconhecimento de saberes trazidos por diversas gerações de povos em resistência à tentativa de colonização que tudo quis capitalizar.

O nome adotado pela professora é grafado em letras minúsculas, como marca e homenagem ancestral à sua avó. A continuação do legado des que vieram antes nós, é evidenciada por hooks como um saber de grande valor que se iguala aos saberes institucionais que nos são transmitidos pela formação da escola formal e pelas universidades.

A autora nos traz a perspectiva da construção de uma pedagogia que, no caso dela, partiu da dor das opressões que sofre um corpo de mulher racializado. Sua militância é pautada na especificidade de mulheres negras, caribenhos e transsexuais e em toda a potência de corpos que muitas vezes convivem com o desconforto de experienciar uma sociedade repre-

ta de opressões de todas as ordens e duramente atravessada pelo racismo, machismo, transfobia e diferenças abismais entre classes sociais é a mesma que resiste pela via de um amor pregado pela autora como político, um amor transgressor como prática transformadora e revolucionária.

A busca por leituras e teorias que possam contribuir para a criação de uma linguagem política que ajude a formular nossos processos de luta, como aponta hooks ao contar de sua trajetória como mulher negra, nascida em 1952, que viveu o período segregacionista na zona rural do estado de Kentucky no sul dos Estados Unidos, e que buscou, inclusive em Paulo Freire, maneiras de compreender a pedagogia sempre vinculadas ao contexto social, cultural e econômico dos estudantes, ajudam-nos a compreender que autores queremos manter junto a nós e que podem, de fato, contribuir para nossa práxis na escola e nas lutas que travamos nas ruas, no cotidiano, na vida como um todo.

Pensar o estudo, a leitura e a organização do pensamento pela escrita é também uma forma de combate que pode desvelar as opressões que pegam na carne, na subjetividade e em lugares de nosso corpo que nos dão sinais: a dor no estômago de lecionar em salas de aula que muitas vezes requerem o embate com pessoas reacionárias é pura afetação que como um impulso negativo transmuta-se e nos faz criar estratégias pedagógicas que se potencializam no dissenso e no debate como forma de produção de conhecimento atravessado pelas diferenças, pela diversidade de pensamento, por formas variadas de cultura e maneiras de concepção de mundo.

Muitas vezes é preciso dar o nó, driblar as falas, ter jogo de cintura e ginga para lidar com discursos pobres de espírito e extremamente opressivos contra nossa própria pessoa, nossos corpos e mentes. Estar na escola implica um corpo que construa uma couraça dura mas ao mesmo tempo permeável, que nos permita revidar, cuidar de nós e não perder de vista nossas lutas e crenças para que possamos orientar melhores caminhos, ampliar repertórios de mundo para que estudantes possam ter melhores escolhas sobre que trajetórias trilhar.

As estratégias apontadas por bell hooks são aquelas que ela mesma vivenciou e que hoje podemos acessar por meio de seus diversos ensaios sobre sua busca por fazer da sala de aula um lugar potente para que as estruturas do saber e do poder se abalem para, talvez, serem fermento

para ações efetivas de luta dentro e fora da escola.

A professora, militante feminista negra, anticolonialista nos traz estratégias de uma voz ativa, que parte da luta antirracista através de um corpo participativo que age em consonância com o mundo da teoria e do pensamento crítico.

A compartimentação entre corpo e mente é uma das preocupações de hooks. Sua atuação no campo da educação busca enfraquecer os sistemas de dominação tão presentes nas instituições de ensino. Trazer o debate em aula para uma experiência concreta de vida dos estudantes é para hooks uma maneira de escapar de versões universalizantes de mundo frisando a importância de abordar um mesmo tema desde distintos pontos de vista e, assim, apontar para a impossibilidade de uma verdade de mundo fechada em si.

Seu contato com Paulo Freire foi de grande relevância para a reflexão de suas práticas, e segundo seus relatos, em uma entrevista fictícia que a autora faz a ela mesma para compreender como os estudos freireanos a atravessavam, a busca pela responsabilização dos estudantes pela aula era de fato um exercício da autonomia.

Jogar a aula nas mãos dos estudantes sem deixar de implicar a responsabilidade da professora em uma grande roda onde todos são responsáveis por seu processo educativo, torna possível dividir todo o êxito ou fracasso de uma boa ou má aula entre todos. A aula é do coletivo e não de professor que dentro de uma instituição é sempre parte de uma organização impregnada pela assimetria de poder.

A proposição de uma aula que implique o pensamento crítico é uma maneira de nadar contra a corrente e que, segundo a autora, é pouco encorajada nas instituições de ensino, pois requer energia e participação de todos envolvidos e concessões que contrariam a proposta já pré-concebida dos sistemas de ensino vinculados a um currículo padronizado pelo estado. A construção coletiva dá muito mais trabalho que manter a ordem vigente. O controle como prática da cultura escolar é o fluxo natural em que alguém manda e alguém obedece. As regras vêm prontas, e a nós, somente é preciso que nos adequemos ao que ali já está e sempre esteve.

hooks também entende a educação como um processo que se dá pelo encontro entre as diferenças, mas sem perder de vista os lugares de privilégio ou opressão aos quais cada um pertence,

pois racializar as relações consiste em fazer com que todos percebam suas condições de sobrevivência no mundo e os obstáculos que se colocam à frente a depender dos marcadores sociais pela qual o estudante está atravessado.

Ensinar é como uma via de mão dupla em que o magnetismo intelectual de todos envolvidos é o que mantém a vontade de saber. A autora traz Eros para a sala de aula não somente em sua versão sexualizada, mas principalmente pelo entusiasmo de estar em contato com e outre, reconhecendo sua presença e valorizando formas de agir e pensar que são potentes por suas singularidades.

O tédio, tão comum na sala de aula, é problematizado por hooks pelo entendimento de que aulas devem valorizar as singularidades dos estudantes. Toda história, trajetória é bem-vinda na construção do debate coletivo. A escuta dos estudantes e a abertura dos programas de aula são também maneiras de construção coletiva em que os conteúdos devem se recombinar às peculiaridades e interesses de cada envolvido em seu próprio processo pedagógico, sempre implicado numa perspectiva coletiva e na construção do conhecimento sempre compartilhado e multiplicado como forma de resistência e sobrevivência num mundo em que a informação é mais valorizada que a produção coletiva de aprendizagem onde todos contribuam com seus repertórios individuais. Aprender pode ser libertador, diz hooks para nos encorajar a buscar a transgressão aos sistemas de opressão, de forma consciente e a longo prazo.

As teorias elitizadas e herméticas que não ultrapassam os muros das universidades são duramente criticadas pela autora que, contrariamente a essa premissa tão comum no mundo acadêmico, trata de entender a teoria sempre como prática da vida. Portanto, tanto no campo da pesquisa quanto no chão da sala de aula, o confronto com a realidade é o que move a relação entre estudante-professor numa parceria potente para que todos sejam parte do que ela chama de comunidade de aprendizagem. As aulas são como uma caminhada que se faz em conjunto, de engajamento mútuo, reciprocidade e entusiasmo. A prática da liberdade é construção coletiva pautada nas relações sociais entre espaços educativos e comunidades.

NOSSA CIVILIZAÇÃO: VALE A PENA SALVÁ-LÁ?

LUCY PARSONS

Vale a pena salvar a nossa civilização de hoje? Pode muito bem ser perguntado pelos deserdados da terra. Em um aspecto, é uma grande civilização. A história falha em registrar qualquer outra época como a nossa. Quando desejamos viajar, vamos, por assim dizer, nas asas do espaço, e com uma devassidão que teria levado à insignificância a imaginação mais ousada dos deuses dos antigos. Nós aniquilamos o tempo. Nos encontramos à beira de um continente e conversamos com facilidade e compostura com os amigos no meio do próximo. Os impressionantes fenômenos da natureza nos preocupam pouco nesta época. Nós roubamos o raio dos deuses e o tornamos um servo obediente à vontade do homem; perfuramos as nuvens e lemos a estrelada página do tempo.

Construímos pilhas magníficas de arquitetura, cujas alturas vertiginosas nos deslumbram enquanto tentamos seguir com nossos olhos as paredes altas de tijolo maciço, granito e ferro, onde camada após camada é quebrada apenas por maravilhosos painéis de vidro laminado. E à medida que gradualmente baixamos os olhos, história após história, até chegar ao solo, descobrimos dentro da própria sombra dessas magníficas moradas o homem sem-teto, a criança sem-teto, a jovem oferecendo sua virtude por reles dólares para alugar um pequeno quarto afastado no sótão de um deles. E nos recantos escuros desses

belos edifícios, o “mendigo”, desmoralizado pela pobreza e acanhado pela necessidade, tenta se esquivar da vista de seus semelhantes.

No entanto, foi o trabalho deles que ergueu essas evidências de civilização. Então, por que eles são compelidos a serem bárbaros? Pois é o trabalho, e o trabalho apenas, que torna a civilização possível. É o trabalho que labora, urde, tece e constrói o que outro, não ele, pode destrutar. São os trabalhadores que mergulham até as desconhecidas cavernas do mar e as fazem entregar seus tesouros escondidos, que nem eles mesmos sabem o valor que têm. É um trabalho que vai para a selva sem trilhas e empunha a varinha mágica que a ciência colocou em suas mãos. Seus monstros horrendos e sibilantes logo sucumbem, e ela floresce como a rosa.

O trabalho pode apenas nivelar a montanha até a planície, ou elevar o vale até a altura da montanha, e mergulhar nas entranhas da terra e trazer à tona os tesouros escondidos ali contidos, que têm estado latentes através dos ciclos mutáveis do tempo, e com mãos astutas moldá-los em artigos de uso e luxo para o deleite e benefício da humanidade.

Agora, por que esse fator importante nas artes do progresso e do refinamento continua a ocupar uma posição secundária em todas as esferas de vida mais elevadas e nobres? Não é que alguns ociosos podem se deleitar no luxo e no conforto - estes poucos tendo se dignificado como “classes altas”?

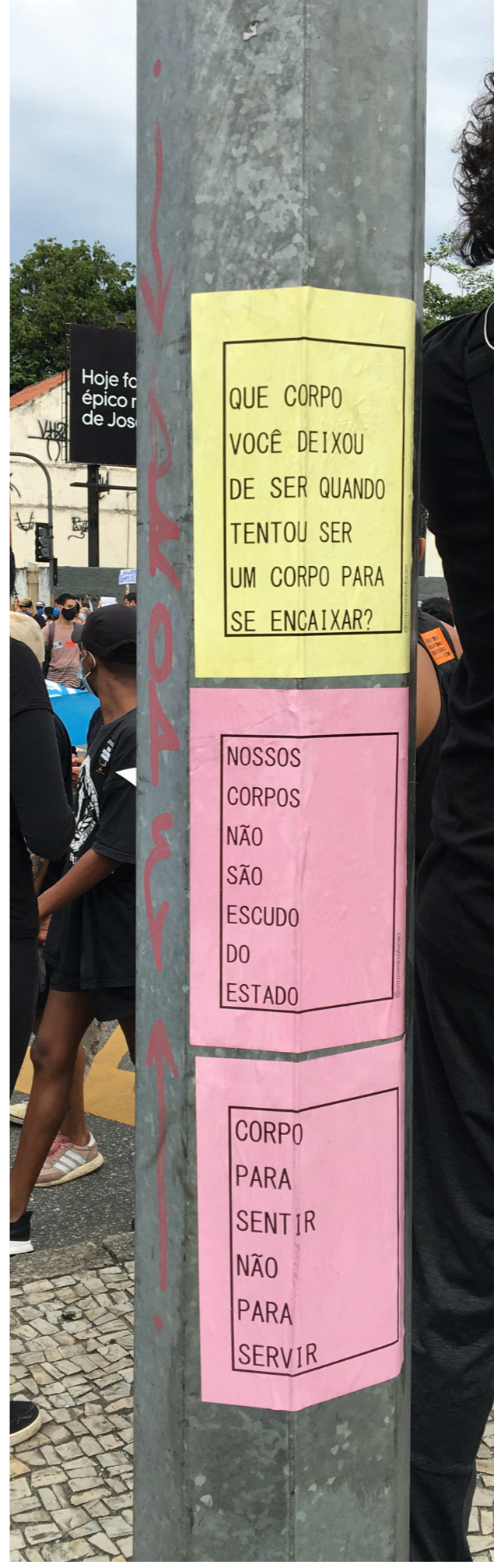
É esta “classe alta” que determina em que tipo de casas (se é que existem) a classe produtora vi-

verá, a quantidade e qualidade dos alimentos que eles colocarão em sua mesa, o tipo de roupa que usarão, e se o os filhos do proletariado entrarão em tenra idade na escola ou na fábrica.

E quando o proletariado, despercebido da justiça desta economia burguesa, começa a murmurar, o clube de policiais é chamado ao serviço ativo por seis dias por semana, enquanto no sétimo o ministro lhe garante que reclamar dos poderes constituídos é bastante pecaminoso, além de ser um jogo perdido, na medida em que com essa ação está diminuindo sua chance de obter um apartamento muito confortável nas “mansões eternas nos céus”. E a classe possuidora, enquanto isso, está perfeitamente disposta a pagar o ministro generosamente e fornecer ao proletariado todo o crédito necessário para isso, se ele lhes fornecer o dinheiro para a construção de suas mansões aqui.

Oh, trabalhadora! Oh, trabalhadora faminta, indignada e roubada, por quanto tempo dará ouvidos aos autores de sua miséria? Quando você se cansará de sua escravidão e mostrará o mesmo, entrando audaciosamente na arena com aqueles que declaram que “Não ser escravo é ousar e FAZER?”. Quando você vai se cansar de tal civilização e declarar em palavras a amargura da qual não deve ser perdida: “Pelo fim de uma civilização que assim me degrada; não vale a pena salvá-la?”

¹ No original: “Oh, working man!”. Optamos pela adaptação no gênero com o intuito de atualizar criticamente o enunciado de Lucy, haja vista que este se refere ao gênero humano que em seu período era identificado como o homem. Portanto, naquela época esse uso da linguagem não era tão questionado quanto hoje em dia. Em prol dessa luta e dessa crítica nós optamos pela adaptação.



CORPO E REVOLUÇÃO

MARIA SANCHE

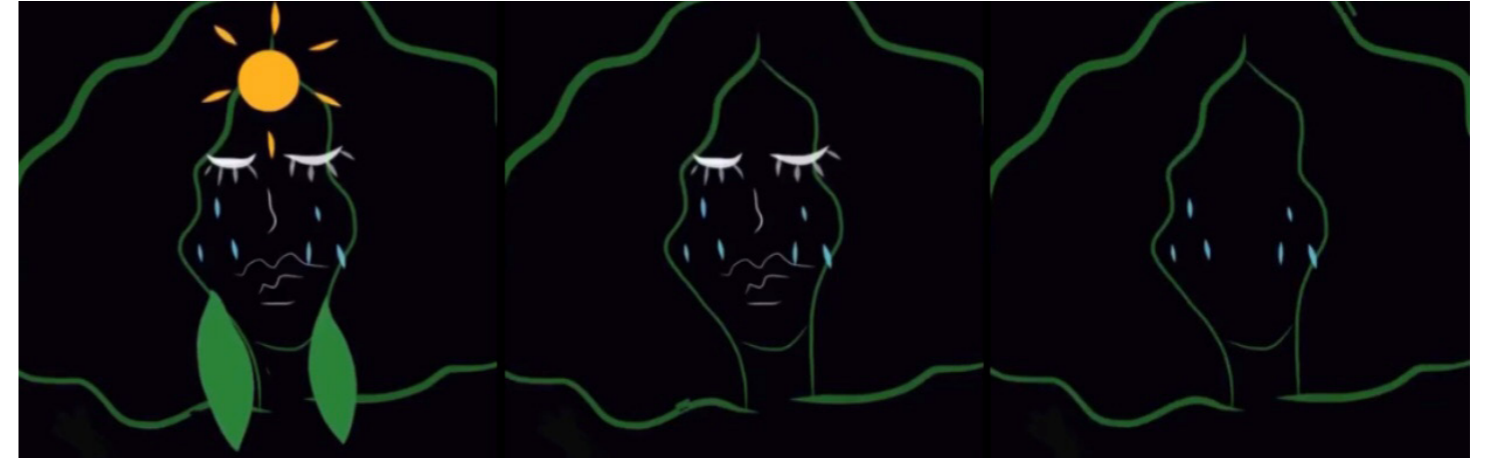
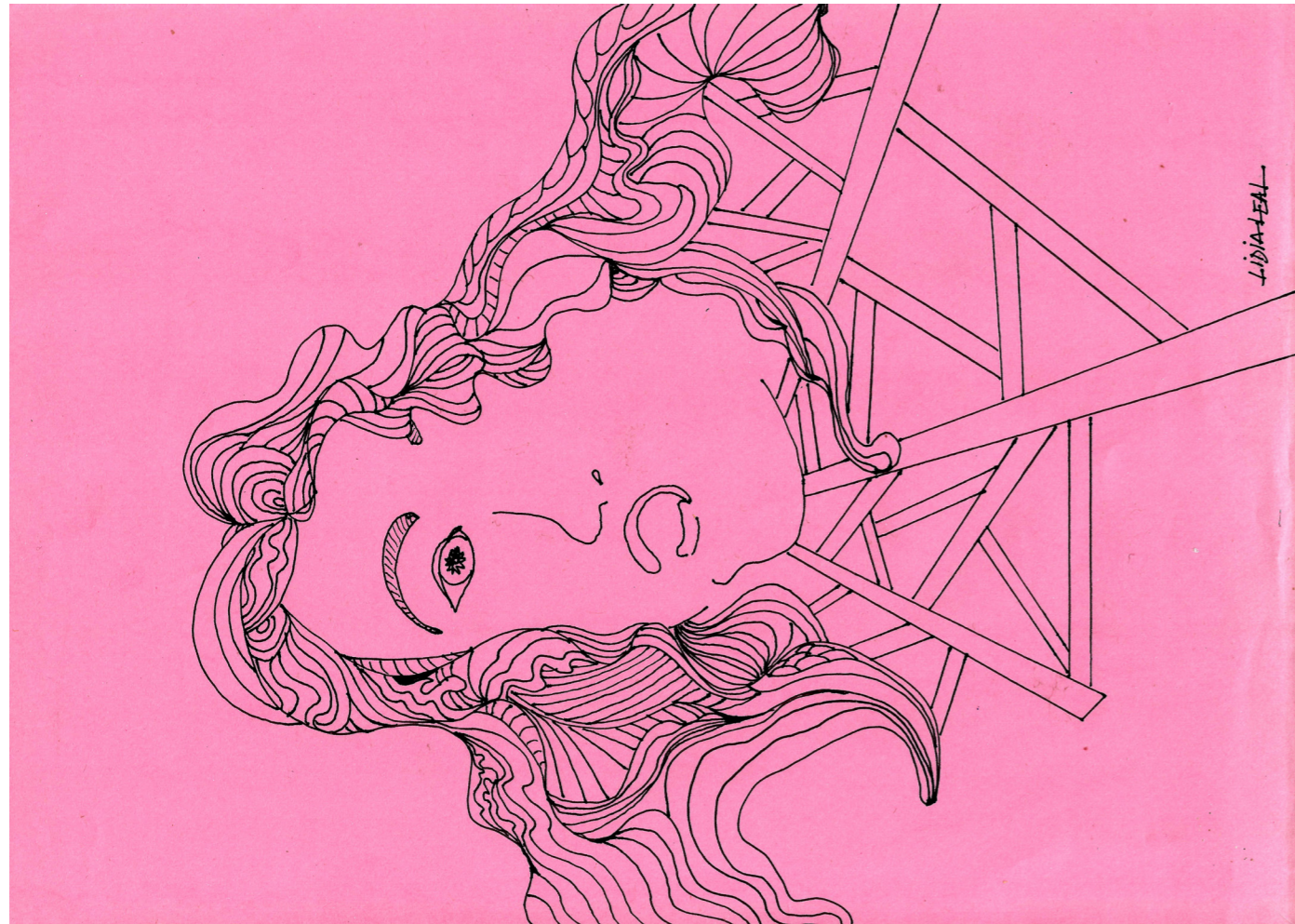
▪ Nascida em Nova Friburgo, região serrana do Rio, atualmente trabalho e moro no Rio de Janeiro, RJ.



POEMA PARA GRITAR

LIDIA LEAL • BELÉM DO PARÁ, PARÁ

Por tanto tempo pensei
Que o teu silêncio me protegia,
Mas não. Não!
Teu silêncio era teu escudo.
Meu silêncio te deu suporte.
Meu silêncio foi teu abrigo.
No teu último dia na terra,
Quando eu tempo cessou.
Eu vomitei.
Joguei fora.
Só então compreendi o dano
De tantos anos engasgada com a entropia, com o caos
Preenchido pela dor.
Hoje te expurgo cada vez um pouco.
A cada dia uma pá de terra e às vezes uma lágrima.
A mudez de todo dia, lá longe,
Na primeira infância.
Minha voz
Antes dominada,
É quebrada pela escrita,
Libertando o que estava represado.



MANHÃS

VITÓRIA ROBERTA • SÃO PAULO, SÃO PAULO

às vezes eu espero que as pessoas entendam
rápido, antes que a dor visceral volte.

comecei a pensar que são ataques espirituais

e talvez sejam, olha só as minhas plantas, morrendo. girassol,
arruda, suculenta, hortelã e erva doce, nada sobrevive.

acordei no outro dia sem sonhos, eu sempre espero que esse
espírito ruim visite meus sonhos - só para que eu não me sinta tão
só. olha lá! minhas sementes não crescem! eu não aguento mais,
nada aqui cresce. eu chorei muito, sabe? esse tempo seco da
porra, e faz uma cota que não chove. o que tá vivo morre, o que
cultivo não cresce.

alô pastor, de novo preciso que reze. alô doutor, mais uma vez
preciso que se apresse. juro pra vocês, eu me ralei, cai na rua
voltando do mercadinho da esquina, precisava dar uma volta, fui
comprar adubo, planta minha não morre mais não.

o adubo é ruim, só pode ser, ou essas verdinhas insistem em
morrer. eu rezo, rezo, rezo mas nunca rego, é isso, rego? rego?
rego? água, sua égua. faz uma cota que não chove, e você
não rega, eu nunca rego, só xingo, mas culpado é o céu que
permanece limpo; não molha, sou uma só também ou chove ou
morre, égua.

esse espírito ruim almoça e janta na minha reza.



MONICA REINOSO

CUÑATAI PINTURA A ÓLEO

• Hola! Soy de la provincia de Misiones, Argentina, en la frontera de Paraguay y Brasil, zona habitada originariamente por la comunidad originaria guarani. Actualmente perdieron casi todas sus tierras y viven en la indigencia en comunidades con muy poca tierra, pequeñas y sin tener acceso a la selva y al río que eran sus medios de vida. Conocí a la mujer retratada en la comunidad de Iguazú. Descalza, viviendo en choza de paja, con sus hijos a cuesta. Muy callada y tímida. No puedo olvidarla a ella y sus hijos.

Actualmente vivo en Buenos Aires, pero llevo mis orígenes conmigo.

• Olá! Sou da província de Misiones, Argentina, na fronteira entre Paraguai e Brasil, território habitado originalmente pelos povos originários guarani. Atualmente perderam quase todas as suas terras e vivem como indigentes em comunidades com muito pouca terra, pequenas e sem ter acesso à floresta e ao rio que eram seus meios de sobrevivência. Conheci a mulher retratada na comunidade de Iguazu. Descalça, vivendo numa cabana de palha, com os filhos nas costas. Muito calada e tímida. Não posso esquecer dela e de seus filhos.

Atualmente vivo em Buenos Aires, mas levo as minhas origens comigo.

ANTI-POESIA N1

LEAFER -SALVADOR. BAHIA

Apenas quero uma preta pra amar
Toda vez que pego o metrô, ela está lá
As vezes me vendo, outras sem olhar
Quem sabe um dia
Quem sabe um dia eu possa lhe amar
O amor de uma preta é desafiador, contém dor
Se persistir, se persistir, se persistir...
Talvez encontre

QUEM É LEILA?

LEILA BORBA

•SALVADOR, BAHIA

Uma preta afrontosa. “Uma” e não “A” porque soaria pretensioso por demais e todas nós somos de alguma forma treyas especiais. Costumo brincar em minhas cenas dizendo “Naturalista, vegana, mãe de 3 filhos e 100% feminista” porém vai muito além disso. Leila sempre existiu dentro de mim. Foi concebida através da necessidade de gritar as injustiças e as violências sofridas por mais de duas décadas do castigo moralista que a sociedade atual nos fornece de bom grado e o desejo de ajudar a proteger todas as minhas “hermanas” espalhadas ao redor do mundo. Minha missão na vida é esta: lembrar a todas elas o quanto que são valiosas; trazê-las para o campo de batalha a fim de fortalecer a resistência contra o machismo, o feminicídio, a homofobia e todas as outras formas agressivas de intolerância.

Leila Borba tem 32 anos, mora em Salvador, é atriz, cantora, compositora, cronista assumida. Conhecida por seus íntimos como “a louca das artes”, ela ama criar. Agradece especialmente a Deus, suas irmãs Samy e Nina Borba, nas quais se inspirou toda a vida pra concretizar seus grandes projetos artísticos e pessoais.

Talvez esse seja o meu último texto. Dentre os medos que carrego estão o de que ninguém o possa ler e o de amanhecer impressa nas páginas policiais de algum jornal medíocre e sensacionalista.

Existe uma canção que diz: “A lua me chama, eu tenho que ir pra rua”, onde o lado boêmio do autor é descrito de forma bela e poética, porém tudo é muito diferente quando não se tem pra onde voltar quando a lua se despede. Meu contato direto com a rua iniciou-se há cerca de três anos atrás e eu buscava encontrar alguma forma plena de liberdade. Desde já devo salientar que tal liberdade não existe e paga-se um

preço altíssimo todos aqueles que desejam experimentá-la.

Trata-se apenas de um sonho, uma utopia.

A rua é realmente atraente por ser farta. Pode-se comer e beber o que quiser. Pode-se andar e dormir onde quiser. Todas as coisas te alcançam com uma facilidade absurda e aí topamos de frente com o nosso primeiro problema. Quem prova o doce terá de provar também o amargo.

Na rua eu fiz os melhores amigos de minha vida. Tive momentos incríveis: nadei sem roupa, vivi de arte, tomei banho de balde, de torneira, de irrigador, troquei de roupa e fiz maquiagens em pontos de ônibus, bailei no meio da pista enquanto os carros passavam, tirei diversas frutas do pé, pesquei, marisquei, ganhei muito dinheiro e perdi muito dinheiro também. Ah, e me fortaleci como pessoa, amadureci. Em contrapartida, usei todos os tipos de drogas e tive ressacas terríveis. Houveram os dias de fome e calor infernais. Das dores e outros dissabores nem quero falar.

Quero informá-los, meus caros, sobre a violência gritante que segue silenciosamente velada entre os moradores de rua. As leis da rua são duras, queridos. E a frase que impera como hino sagrado é “Quem tá na rua é pra se foder”.

Já vi muitas mães e pais de família sendo oprimidos por bandidos drogados à luz do dia. Já vi pessoas matando e morrendo por um prato de comida. Certa vez marquei de fumar unzinho no fim da tarde com um rapaz que encontrei pela manhã numa fonte onde eu costumava tomar banho, lá no Gravatá. Ao retornar de minha rotina diária de shows dentro dos coletivos me deparei com as luzes de vários giroflex. Meu conhecido caído no chão estava, abatido com um paralelepípedo por falar com uma mulher casada. O que me leva a uma rápida análise: Os homicídios são sempre cometidos com facas ou paralelepípedos. E por isso, todo esse sonho é uma farsa. As quebrações, trapaças e retardações são constantes pra quem não se faz visitante, pois como eles dizem, “uma ideia salva e a outra mata”. É preciso ter cuidado e estar sempre atento pra não cair em armações ou comer um alimento envenenado ou não ser queimado vivo enquanto dorme.

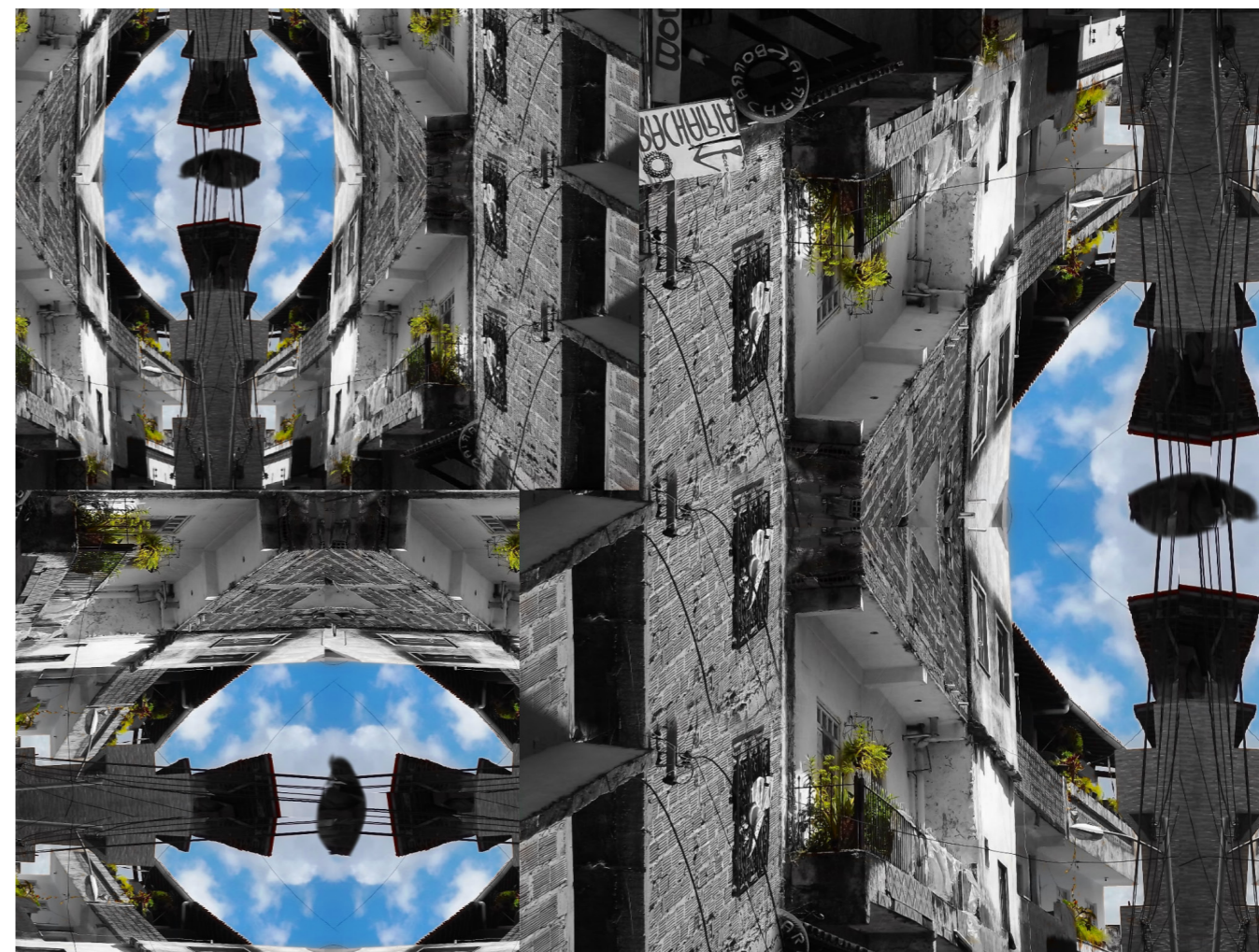
Mas vamos falar sobre algo mais leve um instante, existem também pessoas boas. Há um tempo atrás escrevi uma canção que falava so-

bre o amor nas ruas e ao pensar no assunto me vem à cabeça a seguinte estrofe da canção:

“Eu encontrei,
perdi,
encontrei e perdi.
encontrei,
perdi e encontrei
o meu amor em Salvador.”

O que me leva a afirmar que quando eles amam alguém é real. A correria é lado a lado e não tem tempo ruim. Se tornam extremamente protetores os tais maloqueiros. Não tenho muito

mais o que dizer. Encerro com um breve relato de minha situação atual: estou dura e cansada mas tenho me alimentado todos os dias. Não aguento mais dormir - não aguento nem olhar - em papelão, mas tenho visto paisagens naturais esplendorosas. O amor da minha vida separou-se de mim mas existem possibilidades. Sinto falta da minha irmã e choro todas - ou quase todas - as noites mas tenho consciência absoluta do caminho que escolhi. Ganhei uma caixinha de música e ainda tenho tinta na caneta e algumas folhas para rabiscar. E enquanto minhas lágrimas molham o papel em que escrevo, eu penso: “o que mais posso querer?” Sou abençoada e assim como Dani, quero ser um Pássaro.



PEGA A VISÃO [Série Dimensões]
COLETIVA ORGANICIDADE

AFETABILIDADE E FABULAÇÃO: EIXOS DA NOSSA EXPERIÊNCIA COMO CRIAS DO CURRO VELHO EM BELÉM DO PARÁ.

THALIA SANTOS DA FONSECA¹

•BELÉM DO PARÁ, PARÁ

INTRODUÇÃO

A Iniciação Artística no Curro Velho surgiu há mais de 20 anos, através da iniciativa das professoras Olinda Charone e Wladilene Lima, após um convite da antiga diretora da Fundação Cultural do Pará, Dina Oliveira².

O projeto surgiu com intuito de desenvolver a interação de linguagens artísticas considerando a realidade dos envolvidos no processo de desenvolvimento dos espetáculos, acolheu e acolhe crianças de 4 a 16 anos de idade, com escolaridade variável. Essas crianças são a maior parte moradoras da Vila da Barca, no bairro do Telégrafo, onde também está situado o Curro Velho (CHARONE, 2011, p.18).

O Curro Velho é um núcleo voltado para um público de estudantes de escola pública, populações de baixa renda e comunidades tradicionais, que propõe, por meio da arte-educação, desenvolver debates, ensinamentos, inclusão e lazer aos que frequentam. Nele se mantém um ciclo de oficinas de iniciação em artes em diferentes linguagens. Além disso, uma diversificada programação cultural mediante a realização de espetáculos, em três momentos, referentes ao Carnaval, Festividades Juninas e o Natal, que é chamada de Iniciação Artística³.

A denominação Iniciação Artística faz referência

ao público atendido, majoritariamente de crianças e adolescentes de faixa etária em fase escolar. Dentro desse projeto existem dois termos muito significativos, que são as Crias denominando as crianças que estão frequentando o espaço e/ou começaram nesse processo desde pequenas, e as Mães das Crias que são mães e responsáveis que participam do projeto, seja atuando artisticamente ou cobrando reivindicações para que ele aconteça.

Segundo uma matéria do site Brasil de Fato (2017), a comunidade da Vila da Barca é uma das maiores comunidades sobre palafitas da América Latina, de forma ilegal e precária formou-se como consequência do desenvolvimento econômico de Belém. Abrigam-se famílias que esperam pela retirada das palafitas e finalização do projeto de urbanização e habitação chamado Zero Palafitas, que está parado, o que torna as famílias com poucas perspectivas de melhoria de vida, gerando no local violência por conta do tráfico de drogas e sem condições básicas de saneamento, além do sucateamento das casas de madeiras que correm o risco iminente de incêndios.



Figura 1: Vila da Barca (Fonte: Helena Palmquist, 2017.)

O trabalho nas áreas de teatro, dança e música com as crianças dessa comunidade acontece em cima das questões trazidas por elas e a partir disso é construído tempo e espaço do espetáculo que será apresentado. A equipe de instrutores em artes, da qual faço parte, usa da fabulação com as Crias como forma de estimular os modos de pensar em si e o meio. Nos textos desenvolvidos para os espetáculos são abordados, preferencialmente, temas pertinentes às identidades amazônicas, como lendas, culinárias e variações linguísticas, para instigar o reconhecimento, a imaginação e representatividade nos alunos.

A FORÇA DO AFETO

A formação na arte-educação com as crianças e adolescentes por meio do afeto e por estar mergulhada nas diversas experiências com elas, me faz deparar com nossas transformações durante todo o processo. Como coloca Laura Pozzana (2014, p.56), “formar é um processo de aprendizagem também no palco dos afetos. [...] Pensar a formação, assim, implica a consideração constante de acompanhar os efeitos das práticas.”

Rememorando o que havia feito desde a infância, percebo que o processo do faz de conta de representação de papéis por meio de brincadeiras, fez com que me encaminhasse para a pessoa e profissional que sou e como enxergo o mundo, posso afirmar que acredito que ter acesso à arte fez uma significativa diferença em minha formação. Segundo Olinda Charone (2011, p.51), “o faz-de-conta talvez seja o grande momento em que a criança trabalha a realidade, a responsabilidade, a análise crítica, o auto reconhecimento e as expectativas de mudanças”. Estas mudanças podem modificar nossas visões de mundo e despertar para uma autoestima pouco alimentada no contexto em que vivemos.

Durante cada encontro estreitamos nossa relação, trago exercícios de aquecimento que façam as crianças relaxarem, falem como foi sua semana, e nesse momento é quando observo seus corpos, suas falas e não falas. Sempre que percebo algum corpo tensionado e cabisbaixo, me aproximo para tentar uma conversa. Propor corpos presentes é um árduo trabalho e requer tempo, confiança e muitas trocas. Para Laura Pozzana (2014, p. 58), adquirir um corpo é, assim, uma empreitada progressiva, que produz

ao mesmo tempo um meio sensório e um mundo sensível, afetabilidade.

Thainá Souza, 18 anos, Cria do Curro Velho e moradora da Vila da Barca, me relata como o Curro Velho impactou em sua vida todos esses anos:

Na minha vida o Curro Velho tem feito a diferença desde o dia que coloquei os meus pés lá, por que? Bom, aprendo muito nesse espaço, eu posso ser o que eu quiser, lá eu aprendi a ser forte, a ultrapassar meus limites, mostrar para minha família o que é arte, o que a arte é capaz de fazer na vida da gente e que o Curro Velho é a nossa casa, nos tira da rua, faz a gente sonhar, nos mostra que somos melhores e que sim podemos fazer a diferença em nossa comunidade. E que juntos somos mais fortes! E a gente continua lutando por nossos direitos.... Meu nome é Thainá e eu sou cria do Curro Velho. (SOUZA, Thainá, 2020)

A fala dessa Cria se encontra com a minha e com as experiências que tive no Curro Velho. A possibilidade de acreditar que podemos exercer a profissão de artista como um trabalho digno e importante para a sociedade é fomentado no processo da Iniciação Artística, conseguimos enxergar uma chance de alcançarmos lugares, nos quais os que vieram antes de nós não puderam, o Curro Velho abre portas para um novo mundo de descobertas.

Sempre digo às crianças o quanto elas são protagonistas de todo o processo de criação e da minha pesquisa, elas me dão incentivo para ser professora de teatro. Por isso também o processo acontece de uma forma orgânica, pois existe o pertencimento daquele espaço, e sabemos que o produzido é de importância para os que assistem, vemos isso no rosto do público que tem o corpo transformado e se maravilham com o resultado do trabalho. O amor por tudo que o Curro Velho vem representando nesses anos é o que impulsiona, entrar naquele espaço colorido e pisar no chão de tantas histórias e afeto, tem um significado importante.

APRENDENDO COM DIVERSÃO E CONSCIÊNCIA

Através dos jogos teatrais utilizo o sensorial

¹ Graduada em Licenciatura em Teatro na UFPA

² Bacharel em Arquitetura pela Universidade Federal do Pará, Mestra em estruturas ambientais urbanas pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU/USP), tornou-se professora de arte na UFPA. Ocupou o cargo de superintendente da Fundação Curro Velho, Belém.

³ SIC.PA. Fundação Cultural do Estado do Pará, [s.d]. Oficinas Curro Velho. Disponível em: <<http://www.fcp.pa.gov.br/espacos-culturais/oficinas-curro-velho>>. Acesso em: 07 de setembro de 2020.

para a integração entre os alunos, usando músicas para relaxar e expressar seus sentimentos, e objetos para brincarem como balões, bolinhas de papel etc., além de brincadeiras. Esse momento é importante, pois, muitas vezes eles não têm outro espaço para descontração, ao final do jogo pergunto o feedback deles e o que a dinâmica trouxe de bom para aquele dia.



Figura 2: Jogo com balões durante a aula (Fonte: Carolina Alves, 2018)

Quando criança dentro desse processo perdi amigos próximos assassinados por conta da violência e isso me abalou profundamente. Carrego essas memórias para sempre pensar que não quero isso para minhas Crias, faço o possível para que elas aproveitem o espaço e as oportunidades, e entendam a importância do nosso trabalho em grupo no enfrentamento das dificuldades sociais e o quanto isso serve de indutor para o nosso espetáculo, além de mostrar o quanto são talentosas e necessárias nesse mundo. Consigo enxergar nelas que a arte transforma realidades, contribui para mudanças de pensamentos e atitudes, as crianças levam para casa o entusiasmo de serem afetadas pela experiência artística. Nelas posso ver a licenciatura na prática.

CONSTRUINDO POTÊNCIAS PERIFÉRICAS

No processo de criação e montagem de espetáculo a fabulação é caminho de transformação e reconstrução de si e do espaço. Desde a primeira etapa de desenhar até o encenar percebemos as diversas necessidades desse corpo político que modifica o ambiente e os que traba-

lham nele. Como indica Richter:

É imenso o prazer da criança quando ela consegue desenhar ou pintar algo “como” ela deseja. Imaginar uma casa e construí-la realmente com cores, cubos, argila ou madeira, onde o significante confunde-se com o próprio significado e o jogo simbólico com uma verdadeira imitação da casa, causa-lhe profundo gozo e necessidade de repetir, de muitas formas diferentes, a ação exitosa. (RICHTER, 2014, p.163)

E Pellejero complementa com seu pensamento, dizendo que:

Fabular não é uma utopia, mas a possibilidade de alcançar uma linha de transformação, através da expressão, em situações históricas que fazem aparecer qualquer mudança como impossível. Não se fabula uma verdade política universal, mas apenas uma estratégia singular não totalizável. [...] Não é uma solução para tudo nem para todos (e esta é a sua debilidade), mas pode ser o único para alguns (e esta é a sua potência). Não a arte (técnica) do possível, mas a arte (transformação) do impossível. (PELLEJERO, 2008, p.73)

Pela fabulação traçamos histórias que transmitem o que cada um traz como realidade vivida na periferia, possibilitando ser contadas de forma diferente pela linguagem da arte e dando possibilidades de reinvenções destas realidades, a partir daquilo que pode ser transformador dos seus espaços de acordo com o que poderia ser “um lugar melhor”, levamos em consideração suas particularidades, e é nesse momento que, como professora-pesquisadora, percebo a potência desse trabalho. Fabular formas de viver por meio da arte dispara afetabilidades, que geram novas compreensões de si e do mundo ao redor.

Através dos relatos das Crias percebo que veem o trabalho desenvolvido no Curro Velho como um espaço de exercício de libertar-se, no qual podem expurgar seus sentimentos e anseios se divertindo por meio da arte. O empenho e compromisso delas aos fins de semana para que o resultado do espetáculo seja incrível são visíveis, sabem que merecem o melhor e cobram o justo por isso, elas amam o reconhecimento e o olhar que o outro transmite. Pelo

fato da maioria das crianças serem moradoras da Vila da Barca elas se reconhecem como enfrentadoras dos mesmos problemas, se unem, se modificam juntas, produzem por um objetivo em comum.

Me esperanço em constatar que nós instrutores servimos de referência a elas pela nossa cor, sexualidade e classe social, desejo que elas se tornem referências, no futuro, para as próximas Crias. Para mim não existe nada mais gratificante do que ver o sorriso delas, de saber que naquelas cabeças pensantes existem milhões de ideias e possibilidades.



Figura 3: Minha turma no Carnaval de 2020 (Fonte: Autora, 2020).

Dito isso, só reforço a função política da arte como ferramenta para afetar e transformar corpos e espaços, essas crianças e adolescentes que são as Crias, mostram-se como elemento



prioritário desse fazer artístico. O mais importante elas já têm, a esperança, e juntamente com a imaginação tudo é possível.

Referências

BRANDÃO, Marcos. **Famílias aguardam há mais de dez anos conclusão de projeto habitacional em Belém.** Brasil de Fato: uma visão popular do Brasil e do Mundo, 2017. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2017/02/06/familias-aguardam-ha-mais-de-dez-anos-conclusao-de-projeto-habitacional-em-belem>>. Acesso em: 07 de setembro de 2020.

CHARONE, Olinda Margaret. **Faz e não faz de conta: a criança-intérprete e sua compreensão do processo de encenação.** 1. Ed. Belém: O Autor, 2011.

PELLEJERO, Eduardo. Literatura e fabulação: Deleuze e a política da expressão. **Polymatheya - Revista de filosofia.** vol. IV, Nº 5, Fortaleza, Polymatheia 2008, p. 61-78

POZZANA, Laura. A formação do cartógrafo é o mundo: corporificação e afetabilidade. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Sílvia (orgs.). **Pistas do método da cartografia.** Porto Alegre: Sulina, 2014.

RICHTER, Sandra. Infância e imaginação: o papel da arte na educação infantil. In: PILLAR, Analice Dutra. (org.). **A educação do olhar no ensino das artes.** 8. Ed. Porto Alegre: Mediação, 2014.

SIC.PA. **Fundação Cultural do Estado do Pará,** [s.d]. Oficinas Curro Velho. Disponível em: <<http://www.fcp.pa.gov.br/espacos-culturais/oficinas-curro-velho>>. Acesso em: 07 de setembro de 2020.

SOUZA, Thainá. **Importância da iniciação artística na vida pessoal.** Whatsapp: [Conversa privada]. 29 de setembro de 2020. 14:57. 1 mensagem Whatsapp.

A PRETA

LEILA BORBA • SALVADOR, BAHIA

Por onde a preta passa, todos os olhos se voltam. Ela se sente invadida e ao mesmo tempo abismada com toda a pressão que é lançada sobre seus ombros. Mas a preta não foge.

Ela é completamente consciente de sua missão no mundo e embora às vezes duvide de seu potencial ou se coloque em situações constrangedoras - das quais ela não se orgulha nem um pouco - ela sente um imenso prazer oriundo da sensação de afrontamento que ela causa sem fazer esforço.

Por onde a preta desliza todos os olhos a seguem. É como um ímã, ou uma atração fatal da parte de um mundo ainda machista e que teima em se colocar na posição de defensor dos bons costumes e da moral e exercendo todos os tipos de violência, em nome de Deus; quem puder que se saive!

A preta veste seu melhor sorriso enquanto eles esperam que ela se desfaça em lágrimas. As lágrimas secaram ao longo de toda a trajetória de vida dela, enquanto os opressores tentaram corrompê-la ou fazê-la caber num espaço que, de fato, não lhe pertence. Ela sorri, se liberta e diz: "A preta precisa voar." E voa.

AOS DESESPERADOS

LEILA BORBA • SALVADOR, BAHIA

Se ele não te olha com tesão, se não corre os dedos calorosamente no teu corpo, se ele não te beija como se isso fosse a cura de todos os desafetos, ou te morde como se pudesse satisfazer a fome do teu gosto, se ele não te diz palavras agradáveis, ou te invade em suma gentileza, se não abre as portas, as matas, os mares, os sorrisos e até mesmo algumas excessões em prol da qualidade final final desse dueto então...

Talvez seja a hora de cantar sozinha e investir teu precioso tempo em uma carreira solo.

?

LEILA BORBA • SALVADOR, BAHIA

Dormindo pouco, sonhando muito

Sendo nada, tendo tudo

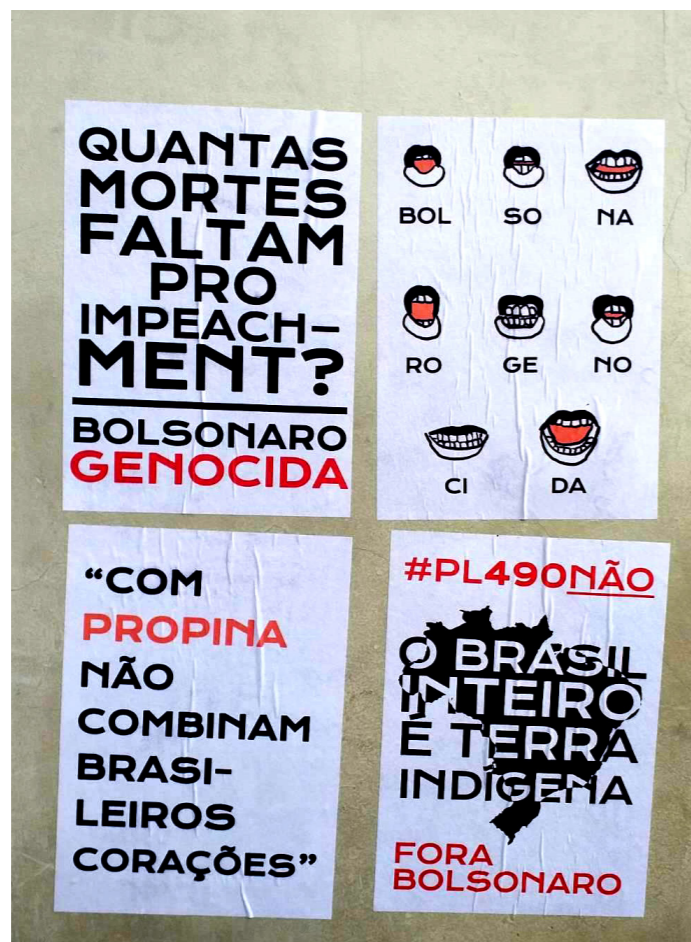
Voando baixo pra não perder o passo certo, divagando nas ideias, pra manter a sanidade por perto.

Catando as horas, contando as farras

Afiando os riscos, escondendo as garras.



EDITORIAL



BLOCO AUTÔNOMO

LAMBES POR LLUMA FLÓRES
FOTOS POR LU VIEIRA
•SALVADOR, BAHIA

No texto de convocatória para esta edição abrimos para obras que expressassem a revolta contra o capital, o estado-colonial-necrófilo e a política neoliberal. Buscamos por produções que indicassem caminhos diferentes da mediocridade institucional oferecida pelos partidos de esquerda que escamoteiam a nossa vontade de incendiar o sistema capitalista e que ofuscam as lutas concretas por autodeterminação de povos e grupos.

Com imensa surpresa, recebemos obras literárias, científicas e artísticas que evidenciam as resistências, a capacidade de imaginação e experimentação, indicando que não temos que nos contentar em viver na mais cruel gestão do capitalismo ou num governo “humanizado” que deixa cair migalhas para a população como forma de colocar panos quentes nos conflitos e na vontade do povo em lutar por uma mudança radical.

Conforme fomos recebendo os materiais, logo notamos que havia um tema que conectava as obras de um modo geral: intervenções artísticas no espaço urbano. Outra força atuante nesta edição, são textos de experiências no campo da

Educação nas periferias do Pará e de São Paulo. Não poderia ser diferente, pois é nesse espaço caótico, conflitante, adoeecedor, mas também rico artístico e culturalmente que muitas coisas acontecem, inclusive revoluções. Interessante notar que parte dos registros de intervenções e expressões na cidade que recebemos chegaram no momento em que os encontros nas ruas se tornaram inviáveis por conta da pandemia, porém necessárias na medida em que, neste contexto, os governos atuaram e atuam de forma tão letal quanto o vírus em si.

Ainda que tivéssemos, como na última edição, barreiras impostas pela crise sanitária, conseguimos finalizar esta edição à base de muito esforço da rede tecida pela A Inimiga da Rainha desde 2017. O núcleo que gere as funções da revista e compas de diversas partes foram cruciais nessa edição. Neste caso, é importante nomear Caru, que foi responsável pela diagramação e concepção artística; Lanussi que tradicionalmente fortalece com a impressão da revista; o Jornal Café Preto que sempre nos apoia assim como as diversas outras pessoas e coletivas que conformam essa grande rede libertária.



LU VIEIRA
SEM TÍTULO
NANQUIM SOBRE PAPEL

•PORTO ALEGRE, RIO GRANDE DO SUL

SOBRE A REVISTA

A **Inimiga da Rainha** é uma revista anarco-feminista interseccional criada em 2017 por militantes anarquistas, em Salvador-BA. Nosso propósito é construir um espaço onde as pessoas que sofrem com as opressões do sistema — patriarcal, branco, estatal e capitalista — possam se expressar livremente e manter uma rede de apoio contra as diversas violências e sujeições.

A revista possui dois canais de publicações: a revista impressa e o blog. A revista impressa é publicada anualmente, agregando poesias, textos, traduções, artes visuais, relatos, etc. Enquanto o blog nos permite publicarmos ao longo do ano sem que deixemos nosso influxo crítico e criativo parar de circular.

Creemos que alinhados com o ideal anarquista podemos prosseguir nessa luta, na construção de apoio de maneira horizontal e solidária, buscando meios para destruir as múltiplas opressões historicamente constituídas e, portanto, reversíveis. Isso não significa que não possamos nos aliar com outras ideologias, outras identidades, também preocupadas com esses enfrentamentos e com a busca pela horizontalidade nas relações sociais e políticas. Somos contra o totalitarismo e a uniformização da práxis, portanto, cremos que somente através do aberto relacionamento entre os diferentes é possível alcançar os objetivos acima mencionados.

Desta maneira, nosso coletivo não se articula com o Estado ou com o empresariado, e nem com nenhuma instituição ou grupo que não possua independência destas. Nosso esforço é fruto de parcerias solidárias com coletivos e indivíduos em diversos estados do Brasil, ou mesmo em outros países.

Combatentes e organizados estamos certos de que nem rei e nem rainha terão lugar numa sociedade onde houver a derrocada das hierarquias e das opressões. Creemos que assim nós não apenas resistimos, mas re-existimos, como artistas da nossa própria existência.

CONTATO

ainimiga@riseup.net

LISTA DE COLETIVOS E ESPAÇOS LIBERTÁRIOS

Biblioteca Emma Goldman (Salvador)

Instagram: [emma_goldman_1994](#)

Jornal Café Preto (Salvador)

Site: café-preto.org

JACA – Juventude Ativista de Cajazeiras (Salvador)

Instagram: [jacainoinsta](#)

FAQUIR – Federação Anarquista Quilombo de

Resistência (Bahia)

Instagram: [faquir.ba](#)

CILEP – Centro de Investigação Libertárias & Educação

Popular (São Paulo)

Instagram: [_cilep](#)

Reaja ou será morta! (Salvador)

Instagram: [reajaouseramorta](#)

Campus Comum (América Latina)

Site: www.campuscomum.org

São Rock Escritório Cultural (Salvador)

Instagram: [são_rock_discos_cervejas_afins](#)

Cooperativa Ujamaa (Salvador)

Instagram: [coop.ujamaa](#)

Casa do Boneco (Itacaré-BA)

Instagram: [casadoboneco.itacare](#)

Casa da Resistência (Feira de Santana-BA)

Instagram: [casadaresistencia](#)

Plataforma9 (Niterói)

Instagram: [plataforma9p9](#)

Tenda de Livros (São Paulo)

Instagram: [tendadelivros](#)

Ativa Atelier Livre (Salvador)

Instagram: [ativa_atelier_livre](#)

Cursinho Livre do Sul (São Paulo)

Instagram: [arribalesqueluchan](#)

Pinte e Lute (Florianópolis)

Instagram: [pintelute.floripa](#)

D. Rodrigues (São Paulo)

Instagram: [davirodriguesart](#)

Cursinho Livre da Lapa (São Paulo)

Instagram: [cursinholivredalapa](#)

Cursinho Livre Cláudia Silva (São Paulo)

Instagram: [cursinhoclaudia](#)